

Pium: garimpos e garimpeiros de cristal de rocha do antigo norte de Goiás (1940-1950)

Ana Elisete Motter

Universidade Federal do Tocantins
Araguaína – Tocantins – Brasil
ana.motter@ibest.com.br

Bianca de Oliveira Aragão

Universidade Federal do Tocantins
Araguaína – Tocantins – Brasil
bianca.aragao@gmail.com

Resumo: Este artigo, por meio da noção de verossimilhança literária, proposta por Carlo Ginzburg (2001, 2004, 2007), utiliza o romance “*Pium, nos garimpos de Goiás*”, de autoria de Eli Brasiense, publicado em 1949, como fonte de produção de conhecimento histórico. Nossa intenção é dar visibilidade histórica a aspectos do ciclo de extração de cristal de rocha, ocorrido no norte de Goiás, no seu período áureo, década de 1940, momento em que a citada obra literária foi produzida e editada. Para isso, além de fazermos considerações teóricas relativas às relações entre as narrativas literária e histórica, indicamos traços de historicidade oriundos desse ciclo minerador, que dinamizou a ocupação e instituiu uma incipiente urbanização no antigo norte goiano, no período em foco, baseando-nos nas evidências indicadas pela referida narrativa literária.

Palavras-Chave: História. Verossimilhança Literária. Garimpo de Cristal de Rocha. Norte Goiano.

Introdução

Na década de 1940, a extração do cristal de rocha dinamizou a economia do então Norte de Goiás, hoje Tocantins. O cristal de rocha era extraído e exportado para a fabricação de componentes eletrônicos destinados a sonares, transmissores de rádio, telegrafia e telefonia. A partir de pesquisas efetivadas no transcorrer da Segunda Guerra, os países importadores do minério passaram a produzir cristal sintético, deixando, aos poucos, de importar o cristal do Brasil. Contudo, o ciclo do cristal perdurou até o final de 1960 (SILVEIRA, 1997) e foi bastante significativo para essa região porque provocou o povoamento e a formação de algumas cidades da região, entre as quais: Dueré, Formoso, Chapada, Cristalândia, Pium, Monte Santo, Pequizeiro e Xambioá. Juarez Moreira Filho (2009, p. 66), em seu romance autobiográfico,

Rancho Alegre, publicado em 2009, assim se refere a esse episódio histórico: “Estávamos naquela época vivendo a febre do cristal-de-rocha, onde Dueré, Formoso, Chapada, hoje Cristalândia, Piau, hoje Pium, Monte Santo, Pequizeiro, Chiqueirão, hoje Xambioá, comandavam o espetáculo que havia iniciado na década de quarenta, em sua maioria”.

Apesar desse ciclo minerador e urbanizador fazer parte do processo histórico do antigo norte de Goiás e estar contemplado nas memórias e experiências de vida de sujeitos que vivenciaram as lidas com a extração do cristal, até o presente momento a historiografia goiana e tocantinense (PALACÍN, 1990; CAVALCANTE, 2003) não se deteve em um estudo aprofundado do assunto e só o menciona parcamente. Em contrapartida, um conhecido autor da literatura regional goiana e tocantinense, o jornalista Eli Brasiliense¹, nascido em Porto Nacional em 1949, publicou o seu romance *Pium, nos garimpos de Goiás*, narrando, de forma circunstanciada, todo o ciclo minerado de cristal de rocha, por meio da narrativa literária.

Dessa forma, diante da carência de estudos de cunho histórico sobre esse assunto e considerando a relevância desse acontecimento para o entendimento da sociedade do antigo norte de Goiás, dos meados do século XX, tomamos os escritos de Eli Brasiliense como fonte para construirmos um conhecimento histórico relativo a esse ciclo minerador e a sociedade por ele engendrada.

A narrativa histórica e a literária

Nas últimas décadas, as discussões relativas às fronteiras entre a história e a literatura se intensificaram. Nesses debates, a circunstância do conhecimento histórico se estruturar na narração e, por conseguinte, sempre trazer consigo um teor retórico, criativo e imaginativo, vem a ser uma das principais questões em pauta. Afinal, para alguns, essas contingências inerentes ao conhecimento histórico lhe imprimem características que o tornam uma modalidade de literatura². Contudo, pensadores dispostos a dar especificidade e um viés objetivo à produção de conhecimento histórico, sem negar o seu caráter narrativo, evidenciam que esse conhecimento, exatamente por ser consubstanciado na narração, pode ser pautado na

¹ Eli Brasiliense nasceu no dia 18 de abril de 1915, filho de Bernardino Ribeiro e de Jesuína Silva Braga. Atuante jornalista na imprensa goiana, foi um renomado escritor da literatura regionalista de Goiás, presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás e da Academia Goiana de Letras.

² Por ser emblemático na defesa desse posicionamento citamos: WHITE, Hayden.. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução: José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp. [1973] 1992.e *Trópicos do Discurso*. Tradução de José Alípio de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

prova e em um rigor metodológico³. Nesse sentido, Ricoeur (2007, p. 182), referindo-se a obra de Ginzburg, afirma que:

Ginzburg polemiza contra contemporâneos seus que, na esteira de Nietzsche, recorrem à retórica como a uma máquina de guerra cética contra o pretenso positivismo tenaz dos historiadores. Para preencher esse abismo e reencontrar um uso apropriado à historiografia da noção de prova, Ginzburg propõe remontar [à ideia de que] retórica e prova não estão dissociadas. A retórica tem de seu lado a racionalidade que lhe é própria; quanto à prova em história, como o demonstra o importante artigo de Ginzburg sobre o 'paradigma indiciário' (...) ela não obedece principalmente ao modelo galileano do qual procede a versão positiva ou metodológica da prova documental.

Para Ricoeur (2007, p. 255), a narração e a retórica a ela inerente, só assumem sentido no âmbito da intriga que, regrada através da coesão e conexão, intrínsecas a uma concretude histórica, dá inteligibilidade e legitimidade ao narrado:

A intriga é a forma literária dessa coordenação [entre coesão e conexão]: ela consiste em conduzir uma ação complexa de uma situação inicial para uma situação terminal por meio de transformações regradas que se prestem a uma formulação apropriada no quadro da narratologia. Um teor lógico pode ser atribuído a essas transformações: é o que Aristóteles caracterizou na *Poética* como provável ou verossímil, o verossímil constituindo a face que o provável exhibe ao leitor para persuadi-lo, isto é, induzi-lo a acreditar precisamente na coerência narrativa da história narrada.

Ainda sobre as concepções que dão à narração a potencialidade de evidenciar uma perspectiva do real, Ricoeur (2007, p. 277) afirma que a retórica, inerente a todo relato, por prescindir da persuasão para torná-lo crível, acaba por lhe imprimir um teor lógico. Afinal, remetendo-se a Aristóteles, o autor situa a retórica entre a lógica e a sofística por meio da persuasão: “Certamente, persuasão não é sedução: e toda a ambição de Aristóteles terá sido estabilizar a retórica a meio caminho entre a lógica e sofística, graças ao elo entre o persuasivo e o verossímil, no sentido de provável”. Assim, para o autor em questão, em toda e qualquer narração há evidências de uma realidade externa ao narrado, que transcende ao teor criativo que se dá na imaginação.

E, em ralação às diferenças entre a narrativa história e a literária, o mesmo autor frisa, dentre outros muitos aspectos, o fato de cada uma ter um sentido que lhe é próprio e que depende, em última instância das intencionalidades da sua produção.

O par narrativa histórica/narrativa de ficção, tal como aparece já constituído no nível dos gêneros literários, é claramente um par antinômico. Uma coisa é um romance, mesmo realista; outra coisa, um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora informulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor. Ao abrir um romance, o leitor prepara-se para entrar num universo

³ Por embasarem nossos posicionamentos teóricos, nesse trabalho, citamos: GINZBURG, Carlo.; *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; *Nenhuma Ilha é uma Ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 e *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; e RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas,: Unicamp, 2007.

irreal a respeito do qual a questão de saber onde e quando aquelas coisas aconteceram é incongruente; em compensação, o mesmo leitor está disposto a operar o que Coleridge chamava de *wilful suspeison of disbelief*, sem garantia de que a história narrada seja interessante: o leitor suspende de bom grado sua desconfiança, sua incredulidade, e aceita entrar no jogo do como se- como se aquelas coisas narradas tivessem acontecido. Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob a conduta do devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. Além disso, ao ultrapassar o limiar da escrita, ele se mantém em guarda, abre um olho crítico e exige, se não um discurso verdadeiro comparável ao de um trabalho de física, pelo menos um discurso plausível, admissível, provável, e, em todo caso, honesto e verídico; educado para detectar falsificações, não quer lidar com um mentiroso (RICOUER, 2007, p. 274-75).

Sem dúvida, destas intencionalidades diversas, resultam narrativas que assumem sentidos específicos e próprios. Contudo, como lembra Ginzburg (2007), existe entre as narrativas históricas e literárias uma contenda pela representação da realidade, em que noções como verdadeiro, falso e fictício, assumem um grande significado. Pois, segundo esse autor, na cultura ocidental, tradicionalmente, à ficção é atribuído um sentido de verossimilhança, de um “como um poderia ter sido”, que transcende a ideia de falso ou verdadeiro.

A noção de uma ‘sabedoria poética’ muito antiga expressa pelos mitos pressupunha, reelaborando-a, a fé em poder discernir uma verdade escondida atrás da casca, o invólucro, o *integumentum* da poesia. A essa consideração pode-se acrescentar outra, menos óbvia, a de que na nossa tradição intelectual a consciência da natureza mentirosa dos mitos, e, por extensão, da poesia, acompanhou como uma sombra a persuasão da sua verdade oculta. A fictio, na sua aceção positiva e construtiva, proporcionou uma saída para as duas alternativas, insustentáveis num plano literal, da poesia como verdade e da poesia como mentira. Escreveu Isidoro de Sevilha que ‘falso [...] é o que não é verdadeiro, *ficto* [*fictun*] o que é verossímil’ (GINZBURG, 2001, p. 57).

Para Ginzburg (2001), essa verossimilhança, que não é nem o falso, nem o verdadeiro, está presente tanto na narrativa histórica, quanto na literária. Na narrativa literária, o verossímil é o que torna o relato digno de ser crível. Situação que nos permite inferir que as possibilidades imaginativas que tecem os relatos literários, têm como limite o plausível da realidade histórica, na qual foram produzidas. Já as narrativas históricas, que objetivam atingir o verdadeiro, o que de fato ocorreu, se veem na contingência, também, de lançar mão dessa verossimilhança.

Contudo, a sua relação com essa se diferencia daquela efetivada com a literatura. Afinal, como lembra o autor, o conhecimento histórico deriva da investigação de fenômenos irreversíveis no tempo. E, por isso, muitas vezes, inatingíveis na sua totalidade para aqueles que o constroem, necessitando, nos estágios de sua produção – análise de fontes, explicação/representação e escrita desse conhecimento – inserir o possível ou “um como poderia ter sido”, no tecido da sua explicação/representação. Possível esse que, na produção

dessa narrativa, sofre um controle muito mais rígido por parte do real, se comparado ao relato literário e é sempre muito bem demarcado enquanto tal.

Além dessas considerações sobre a incidência da verossimilhança, tanto na narrativa histórica, quanto na literária, Ginzburg (2004), nos mostra que o vislumbrar de um teor de verdade, na verossimilhança literária, perpassou todos os períodos da cultura ocidental. Conforme o historiador, desde a Grécia Antiga, até a nossa contemporaneidade, sempre houve pensadores, historiadores e literatos que, ao refletirem sobre a relação entre literatura/história, literatura/realidade, procederam metodologicamente por meio dessa prática.

O autor, na tentativa de exemplificar tal situação, cita vários pensadores ocidentais, dentre os quais o crítico e poeta francês Chapelain (*apud* GINZBURG, 2004, p. 57) que, no século XVII, advogava a importância do estudo de um romance da época medieval para a compreensão daquela sociedade: “Os médicos analisam os humores corruptos de seus pacientes a partir de seus sonhos; da mesma maneira, podemos analisar os costumes e as atitudes dos homens do passado a partir das fantasias descritas em seus livros”.

Importante ressaltarmos que essa convicção de que a verossimilhança ou “o como poderia ter sido” da narrativa literária – por estar referendado em algo plausível e, também, em um ato de criação, deixa perpassar possíveis traços de historicidade, de uma dada realidade concreta – tem uma importância fundamental para o nosso trabalho. Essa noção nos habilita a indicar, por meio da análise da obra literária em pauta, possibilidades de traços históricos de um núcleo garimpeiro, do antigo norte de Goiás.

Ademais, lembramos que também nos auxiliam, no concernente aos aportes teóricos necessários para as nossas análises, os pressupostos relativos às potencialidades das narrativas, indicarem aspectos da realidade concreta, propostos por Ricoeur (2007). Afinal, como referido, as narrativas percorrem o seu itinerário por meio da intriga e da persuasão e, essas, que não são meros componentes da retórica, só assumem sentido e logicidade em sua relação com a realidade, historicamente determinada, na qual foram produzidas.

Torna-se imprescindível frisar, ainda, que a literatura, por estruturar a verossimilhança na imaginação⁴, potencializa a investigação histórica de questões que dizem respeito a essa esfera do social. Assim, dentre as aludidas possibilidades históricas, visualizadas na obra em pauta e indicadas, nesse trabalho, destacam-se aquelas que dizem respeito ao âmbito do imaginário, o qual nos possibilita o vislumbre dos valores, sonhos,

⁴ Imaginação ou imaginário] trata-se da orientação da atividade imaginativa em direção ao social, isto é, a produção de representações da ‘ordem social’, dos atores sociais e das suas relações recíprocas [...], bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder, às imagens do chefe, [posições sociais dos sujeitos] etc. .” (BACZKO, 1985, p. 309).

expectativas, enfim, das sensibilidades sobre o real, que predominaram na realidade em que os escritos em questão foram produzidos. Nesse sentido, Pesavento (2004, p. 82), assim se refere às potencialidades da literatura para a investigação do conhecimento histórico:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma.

Para finalizar as reflexões teóricas que embasam o presente trabalho, temos que nos remeter às condições de produção da obra literária por nós analisada. *Pium, nos garimpos de Goiás* foi escrita e editada no mesmo momento em que o fenômeno da extração de cristal era iniciado no norte goiano, década de 1940. O autor da obra, Eli Brasiliense, natural da região, presenciou todas as transformações ocorridas no então norte de Goiás, com o início do advento desse ciclo minerador, que perdurou até a década de 1960. Por isso e, também, por ser considerada uma obra clássica, elencada como fundante da literatura regional e que teve como temática o advento da instalação da sociedade garimpeira, na região, *Pium: nos Garimpos de Goiás* é por nós considerada como um testemunho do processo histórico que engendrou experiências e vivências, até então inéditas, aos sujeitos sociais dessa região. E, como nos mostra Ricoeur (2007, p. 170-6), as narrativas dos contemporâneos que são dignas de credibilidade e que, por isso, são legitimadas pela sociedade, ocupam um lugar privilegiado entre as fontes que embasam a pesquisa da história.

O Ciclo Minerador na visão de Eli Brasiliense

A Pium garimpeira, construída e representada na obra de Eli Brasiliense, retrata a origem do atual município de Pium, hoje localizado no Estado do Tocantins. Na narrativa em foco, Pium é um lugarejo igual a tantos outros da região, que, na época, eram palco da chegada de muitos migrantes e vivenciam o frenesi de uma incipiente urbanização em um mundo que, até então, era pautado no rural e tradicional. Assim, por meio da alternância entre a narração de enredos e a voz dos personagens, o autor leva o leitor para o cotidiano desse mundo garimpeiro.

É através de episódios que o narrador desvela a história do livro, traça o perfil de seus personagens e nos faz visualizar o antigo norte de Goiás, da década de 1940. E, se a literatura é uma fonte pródiga em revelar indícios, representações sociais e culturais, historicamente compartilhadas pelos sujeitos representados e construídos na sua narrativa, podemos afirmar que a cidade garimpeira de Pium tinha uma população que comungava de sensibilidades ligadas a uma vida dura e difícil, onde reinava o sofrimento e os conflitos se faziam presentes.

No romance, um dos aspectos que mais diz respeito às questões relativas aos valores, visões de mundo de sujeitos que comungavam as práticas do garimpo, tem relação com as diferenças culturais da população do antigo norte goiano com as dos migrantes que, atraídos pela extração do cristal, chegaram na região, na década de 1940. Essa situação é remetida através das circunstâncias de uma das tramas centrais do romance, a história do lavrador Zé do Carmo e sua família. Esse lavrador, que pelas imposições da economia do lugar, viu-se na contingência de tornar-se garimpeiro, assistiu a sua única filha, Ritinha⁵, ser alvo das tentações do consumo, trazidas pela modernidade dos chegantes.

No garimpo surgiram sedas de cores endiabradas, banlangandãs e colares tentadores, pulseiras, anéis e brincos do tamanho de tucum maduro. Ritinha ficou inteiramente apalermada. Zé do Carmo não podia comprar aquelas coisas, porque seu modo de vida mudara pouco. Ganhava um disparate em comparação com o que fazia na lavoura. Mas a carestia da vida engolia tudo. Trabalhava sem descanso e continuava a fazer somente para comer, e para vestir uns riscados caros e podres” (BRASILIANSE, 2006, p. 24).

Na lógica em pauta, vemos que a população local, da região de Pium — representada pelo autor como portadora de valores tradicionais, ligados ao cultivo da terra — teve como imposição de sobrevivência adentrar no garimpo e conviver com muitos migrantes e seus valores mais atrelados à modernidade: “Todos os lavradores das redondezas eram arrastados para o garimpo e a produção da lavoura caía. Os poucos estoques de gêneros alimentícios eram vendidos por preços elevadíssimos” (BRASILIANSE, 1987, p. 25). Nessa lógica, adotada pela narrativa em questão, esses valores modernos com os quais os sertanejos tiveram que conviver, principalmente o consumo, transformaram de forma negativa a vida daquela população: “O abismo tem língua de sapo. Comprida, visguenta, pega de longe. A vida artificial era o maior abismo existente sobre aquela terra. Uma loja de novidades, plantada assim de repente num meio matuto daqueles era uma arapuca perigosa para os sertanejos” (BRASILIANSE, 2006, p. 39).

⁵ Ritinha, menina simples e ingênua, ludibriada por um forasteiro, saiu da cidade e foi prostituída por ele. Com a situação, a esposa do lavrador, pela tristeza do infortúnio, acabou falecendo. Ritinha, um bom tempo depois, voltou para Pium casada e com a vida refeita. Contudo, encontrou a mãe já falecida e assistiu a morte de seu pai.

Os escritos de Eli Brasiense ressaltam a heterogeneidade da população que se dirigia para o garimpo. Afinal, esses sujeitos são representados como aventureiros, provindos de todas as partes do Brasil e que só se interessavam pelo enriquecimento rápido e fácil:

As jazidas de cristal de Pium, Fundão e Cristalina atraíam toda cambada de sangue sugas da economia popular, de mistura de mal-aventurados cavadores de terra e fabricantes de cidades. Onde o garimpo passava por algum tempo brotava um povoado qualquer.

Mascates, jogadores profissionais, comerciantes, botequineiros, fabricantes de refrescos, com laboratórios ambulantes, especuladores de todos os quilates, charlatões (BRASILIENSE, 2006, p. 18).

O núcleo urbano é representado na obra em análise, de forma negativa, é um aglomerado de pessoas que trazem consigo valores diferentes da ética tradicional com a qual o narrador demonstra simpatizar. Zé de Carmo, o antigo lavrador, que tem sua filha atraída pelas novidades da modernidade, é um dos sujeitos mais éticos do enredo de “Pium”, enquanto que a maioria dos chegantes: garimpeiros, comerciantes, motoristas, dentre outros, demonstram ter um caráter duvidoso, senão inescrupuloso. Na lógica persuasiva da narrativa em pauta, a modernidade trouxe para aquele lugar uma sociedade sem lei, sem limites, onde tudo era permitido. Pium, nascida da noite para o dia, instituiu uma realidade nova, em meio ao mundo rural do norte de Goiás.

O mundo viera parar ali com todas as suas tentações, toda a sua hipocrisia, todas as suas grandezas e misérias. No garimpo havia dinheiro à beça. Havia miséria e imundície a granel. Havia gente como formiga. Havia sapatos bonitos, vestidos bonitos, mulheres bonitas, joias feiçoas, máquinas que faziam água virar gelo, bebidas que espumavam como as cascatas do ribeirão Pium. Um pedaço de céu e um pedaço de inferno haviam-se misturado ali (BRASILIENSE, 2006, p. 30).

O garimpo é representado, na obra analisada, como um lugar masculino, os homens dominam a cena do lugar. Nesse relato, às mulheres cabem poucos papéis sociais: as de moças ingênuas, de donas de casa simples e honestas ou o de prostitutas. Na obra analisada, Pium era habitada por muitas prostitutas, mulheres com lenços de cores vivas, pulseiras largas com muito riso e à toa. Elas alegravam a farra dos garimpeiros que com elas gastavam muito dinheiro.

Outra sensibilidade, frequentemente impressa aos habitantes desse núcleo garimpeiro, pela lógica narrativa dos escritos de Brasiense, é a do sofrimento. Afinal, nessa representação de Pium, podiam-se ouvir gemidos de cansaço e respirações ofegantes sob o peso do trabalho exaustivo nas escavações. Conforme o narrador, nas catas, a morte era corriqueira, sendo que os garimpeiros não podiam nem acompanhar o defunto, já que correriam o risco de perder a diária. Ainda em relação à naturalização da morte, em Pium, o autor afirma: “Toda semana morria gente. De febre maligna, de maleita, de pneumonia e até

de estrepada no pé onde o tétano mergulhava traiçoeiramente. Gente desconhecida, que sumia de uma hora para a outra” (BRASILIENSE, 2006, p. 102).

Traço também compartilhado por esses sujeitos que vivenciaram o cotidiano do garimpo, representados pelo autor, é o que diz respeito às práticas de violência: “Raimundo Pontaria, nortista bagunceiro e ligeiro no gatilho, havia deixado um soldado morto dentro da taverna e fugia, defendendo-se dos companheiros da vítima que lhe queriam tirar a orelha (BRASILIENSE, 1987, p. 78). Em relação à sociabilidade da cidadezinha, podemos afirmar que muitas festas ocorriam nesse núcleo garimpeiro. Geralmente, os certames ocorriam em cabarés, onde a bebedeira corria solta e os homens envolviam-se em brigas e confusões.

Garimpeiros reduzidos a trapos chegavam atraídos pelas notícias do Pium, e de um momento para o outro estavam metidos na farra, gastando com bebidas caras e mulheres baratas. Alguns que tropeçavam de repente num montão de cristal se esqueciam da doença dos filhos, das mulheres, deixavam de lado as dívidas em que estavam atolados até o pescoço e bebiam, bebiam (BRASILIENSE, 2006, p.102).

Circunstância recorrente, na representação desses garimpeiros, pelo autor, diz respeito ao posicionamento social que esses ocupam naquela sociedade. Aventureiros, provindos de toda parte, esses sujeitos têm apenas uma expectativa, a de enriquecer. Contudo, apesar de muitos terem tido acesso à exploração de grande quantidade de cristal, a tendência era a desses sujeitos permanecerem na miséria. Isso porque quando tinham dinheiro gastavam demasiadamente — tudo era muito caro no lugar — ou pelo fato de que, no garimpo, quem realmente enriquecia, eram os atravessadores, os comerciantes. “Sujeito de sorte! (...) – Ficou cheio da gaita sem fazer força. Filho da mãe! Nunca foi no Pium, nunca viu como é que se tira cristal, e ficou rico, subiu feito um foguete, fazendo tramoia daqui mesmo com as pedras” (BRASILIENSE, 2006, p.156).

Assim, por tomarmos o não acontecido para recuperar o que aconteceu, a ficção como uma anunciadora de um imaginário social, que é histórico, esses são alguns dos indícios de historicidade, relativos ao garimpo e os garimpeiros, do antigo norte goiano, na década áurea da extração de cristal de rocha, que encontramos em nossa análise.

PIUM: MINES AND PROSPECTORS OF ROCK CRYSTAL OF ANCIENT NORTHERN GOIÁS (1940-1950)

ABSTRACT: This article, by notion of literary verisimilitude, proposed by Carlo Ginzburg, uses the novel *Pium: in the diggings of Goiás*, by Eli Brasiense, published in 1949, as source of production of historical knowledge. Our intention is to give historical visibility the aspects of rock crystal extraction cycle, occurred in northern Goiás, in its golden age, 1940s, moment in which the cited literary work was produced and edited. For this, besides doing theoretical considerations on the relations between the literary and historical narratives, indicated historicity traits coming this mining cycle, which streamlined the occupation and established an incipient urbanization, in the ancient northern Goiás, in the focused period, based on the evidence given by that literary narrative.

KEYWORDS: History. Literary Verisimilitude. Mines of rock Crystal. Northern Goiás.

Referências

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. v. 5. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BRASILIANSE, Ely. *Pium: nos garimpos de Goiás*. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2006.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. *O discurso autonomista do Tocantins*. São Paulo: EDUSP, 2003.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Nenhuma Ilha é uma Ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 .

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MOREIRA, Filho. Juarez. *Rancho Alegre*. 2ª ed. Goiânia: Bandeirante, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & literatura: uma velha-nova história, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em 05 de março de 2014.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas,: Unicamp, 2007.

SILVEIRA, Alex Ricardo Medeiros. *Vila de São Jorge e Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: O impacto cultural de um projeto ecológico*. Brasília, 1997. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/serie214empdf.pdf>. acesso em 10/04/2013.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução: José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp. [1973] 1992.e *Trópicos do Discurso*. Tradução de José Alípio de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

SOBRE OS AUTORES

Ana Elisete Motter é doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Bianca de Oliveira Aragão é graduanda do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); Bolsista PIBIC/CNPq.

Recebido em 21/09/2015

Aceito em 15/11/2015